A SÍNDROME DE ASPERGER E O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

The Asperger Syndrome and the Teaching of English as a Foreign Language: Possibilities and Challenges

Juliana Reichert Assunção TONELLI, UEL [1]
Eduardo Pimentel da ROCHA, UEL[2]

RESUMO: O presente estudo é uma pesquisa em andamento que objetiva investigar o ensino-aprendizagem de língua inglesa (doravante LI) para alunos com a Síndrome de Asperger regularmente matriculados na educação básica de uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Londrina. A motivação para o estudo surgiu da realidade vivenciada atualmente acerca do processo de inclusão que coloca um número cada vez maior de profissionais ligados ao ensino, inclusive os professores de LI, frente a este "novo" contexto em sua sala de aula. Sendo assim, neste artigo, apresentaremos uma definição sobre o autismo, seus graus e suas implicações para o indivíduo, no âmbito social e em sua aprendizagem, com foco na Síndrome de Asperger. Também traremos o relato de uma psicóloga, responsável pelo acompanhamento de alunos Asperger na escola na qual esta pesquisa está sendo desenvolvida, suas experiências com este transtorno e sua visão sobre a inclusão de alunos com a Síndrome de Asperger no contexto regular de ensino-aprendizagem, incluindo as aulas de LI. Concluímos este artigo apontando algumas possibilidades e desafios do ensino de LI á alunos com este transtorno.
PALAVRAS-CHAVE: Síndrome de Asperger; Inclusão; Ensino de Inglês

ABSTRACT: The present study is part of an ongoing research which aims at investigating the teaching of English as a Foreign Language (EFL) to Asperger students regularly enrolled in the basic education of a State school located in the City of Londrina. Motivation for the study came from the reality currently experienced by many teaching professionals, including the EFL teachers, with this "new" context in their classrooms. Therefore, in this article, we introduce a definition of autism, its spectrum and implications for the individual in the social environment and for the learning process, focusing on the Asperger Syndrome. We have also included a report from a psychologist on her experiences with this disorder and her views about the inclusion of autistic students in regular teaching and learning contexts, including EFL classrooms. We finish this article pointing out some possibilities and challenges on the teaching of English as a foreign language to individuals with Asperger Syndrome.
KEY-WORDS: Asperger Syndrome; Inclusion; EFL teaching

[1] Doutorado em Estudos da Linguagem pela UEL e professora adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da mesma instituição.
[2] Aluno do curso de Letras da Universidade Estadual de Londrina. Atua na área de Neurociência e Educação com foco na Síndrome de Asperger.

INTRODUÇÃO

Conforme defendemos em Tonelli (2012), o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (LEs) e, mais especificamente o de LI[3], vem cada vez mais assumindo lugar de destaque nas práticas educacionais no contexto de ensino brasileiro. Uma das justificativas para o fortalecimento desse quadro repousa no fato de que o poder econômico e a tecnologia cada vez mais acessível fazem dessa língua um instrumento fundamental para a participação social em nível global (GIMENEZ, 2005; GRADDOL, 2006; RAJAGOPALAN, 2005, dentre outros).

Moita Lopes (2005) adverte para o fato de que a aprendizagem da LI se transformou em um dos instrumentos centrais da educação contemporânea e que o acesso a essa língua possui também uma função de ampliação de oportunidades sociais.

Para Rajagopalan,

> O importante é, contudo, não esquecer que, em última análise, os nossos alunos precisam adquirir domínio da língua inglesa para o seu próprio bem e para se tornarem mais aptos a enfrentar os novos caminhos que o mundo coloca no seu caminho (RAJAGOPALAN, 2005, p. 45).

Conforme aponta Moita Lopes (2005), o ensino de LEs tem sido atualmente apontado como uma forma de inclusão social, o que, naturalmente, nos expõe aos mais diferentes tipos de aprendizes (SCHNEIDER; CROMBIE, 2003; NIJAKOWSKA, 2010). Tonelli corrobora o pensamento daquele autor e enfatiza que " (...)Nesse contexto, profissionais da área de ensino de línguas se deparam com alguns desafios, dentre os quais, ensinar LEs para alunos com dificuldades de aprendizagem." (2012, p. 21)

De acordo com as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras[4], é preciso levar "em consideração os desafios da educação superior diante das intensas transformações que têm ocorrido na sociedade contemporânea, no mercado de trabalho e nas condições de exercício profissional" (BRASIL, 2001, p. 29).

[3]Adotamos a noção de ensino-aprendizagem da língua inglesa como processo de ensino- aprendizagem formal na escola.

[4] Parecer CNE/CES nº 492, de 3 de abril de 2001

O mesmo documento ressalta também que a universidade não deve ser "vista apenas como produtora e detentora do conhecimento e do saber, mas, também, como instância voltada para atender às necessidades educativas e tecnológicas da sociedade." (BRASIL, 2001, p. 29)

Assumindo este documento como norteador da formação dos profissionais dos cursos de Letras, entendemos ser preciso considerar todos os aspectos previamente apontados na formação inicial de professores de LI, para que estes recebam uma formação inicial que contemple também as questões subjacentes aos desafios da prática profissional no que tange a alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE).

Assim, este trabalho busca especificamente tratar das possibilidades e desafios do ensino-aprendizagem de LI a alunos com a Síndrome de Asperger.

METODOLOGIA

Esta pesquisa teve como motivação o crescente e constante processo de inclusão de alunos com NEE, em especial os alunos com a Síndrome de Asperger, no contexto público regular de ensino e suas implicações para o ensino-aprendizagem de LI.

Para tanto, foi aplicado um questionário contendo quatro questões a uma psicóloga, que mais adiante denominaremos de Beatriz, responsável pelo atendimento de alunos com NEE em uma escola estadual da cidade de Londrina, Paraná, no qual esta pesquisa sobre o ensino de LI a alunos com a Síndrome de Asperger está sendo desenvolvida.

Cabe salientar aqui que o motivo para a escolha da aplicação do questionário junto à psicóloga e não à professores de LI: esta profissional é a responsável pela avaliação e pelo encaminhamento dos alunos com algum tipo de transtorno global do desenvolvimento (TGD) nesta escola. Ela também foi escolhida por sua experiência com este transtorno específico e pelo acompanhamento contínuo prestado a estes alunos na escola em questão. Além disso, as perguntas não procuravam avaliar a prática profissional de professores de LI mas, sim, a importância desses alunos terem acesso a LI e como esta poderia ajudar no desenvolvimento cognitivo e social destes, do ponto de vista do profissional que os acompanha fora da sala de aula.

O QUE É O AUTISMO?

O autismo, um transtorno global do desenvolvimento, é caracterizado por ser uma desordem neurológica que priva o indivíduo de seu desenvolvimento social pleno. Tal desordem é

representada por um espectro que pode variar em graus de intensidade. Estes vão do leve ao severo, caracterizando assim o espectro de desordem autista.

O autista, independentemente de seu grau, está sempre vinculado a um déficit em seu convívio social. Isto ocorre, pois, parece haver uma falha nos circuitos neurais responsáveis pela interação entre pares, reconhecimento e entendimento de sinais sociais e também naqueles encarregados pelo reconhecimento e pela representação da face humana em seu cérebro, entre outros. Neste sentido, como citado por Saitovitch et. al. (2012, p.2) "graças ao desenvolvimento dos estudos de leitura de imagens do cérebro, nós estamos tendo uma melhor percepção sobre os circuitos neurais envolvidos no autismo."[5]

Saitovitch et. al. (2012) apontam processos fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo. Nas palavras dos autores:

> "Tais estudos mostraram também que já é possível ter-se um melhor entendimento sobre os circuitos neurais envolvidos em uma interação humana normal, revelando regiões cerebrais responsáveis pela percepção social e também conexões correlacionadas á Teoria da Mente[6] (ToM)." (SAITOVITCH, 2012, p.2)

Porém, podemos elencar outras especificidades relacionadas ao autismo como: déficit na comunicação verbal e não-verbal, comportamentos compulsivos, estabelecimento de rotinas, pouco ou nenhum contato visual, superdotação, compulsividade por determinado tópico, nestes dois últimos casos quando vinculado à síndrome de Asperger, espectro mais brando do autismo.

A Síndrome de Asperger foi primeiramente descrita pelo médico pediatra austríaco Hans Asperger (1944) em 1944. Este, ao observar quatro crianças, percebeu que estas apresentavam dificuldades em se integrar socialmente. Percebeu também que, embora as crianças apresentassem inteligência normal, demonstravam inabilidades na comunicação não-verbal, não conseguiam demonstrar empatia por seus colegas e eram fisicamente desajeitadas. Além disso, as crianças falavam de maneira desarticulada ou excessivamente formal.

[5] Em inglês: "Thanks to brain images studies, we are getting a better idea of the neural circuits involved in autism." (tradução nossa)

[6] O termo "teoria da mente" foi proposto inicialmente pelos primatologistas Premack e Wooddruff em 1978, para designarem o fato de os chimpanzés serem capazes de inferir os estados mentais dos seus com-específicos. Mais tarde esta designação foi utilizada pelos psicólogos infantis para descreverem o desenvolvimento ontogenético das perspectivas mentais assumidas pelas crianças e jovens e também pelos psicopatologistas a partir dos quais o conceito de alteração da teoria da mente foi muito utilizado para explicar os sintomas das crianças com quadros autísticos, tendo mesmo sido estendido a quadros psiquiátricos nos adultos com sintomas psicóticos – como, p. ex., a esquizofrenia – e desvios comportamentais de perturbações que afetem o lobo frontal, como a psicopatia e a demência fronto-temporal. A teoria da mente (TdM) é definida, em psicologia, como a capacidade para imputar estados mentais aos outros e a si próprio. Para maiores detalhes vide TEIXEIRA, J.M. **Teoria da Mente: uma controvérsia**. Saúde Mental, vol. 8, nº 3, p. 7-10 , 2006. Disponível em: http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.formview?p_id=27143. Acesso em 08/04/2013
.

Hans também notou que estas possuíam compulsividade por um determinado tópico e que estes sempre prevaleciam em suas conversas. No entanto, devido à publicação de sua obra em alemão, seus achados não tiveram reconhecimento até que Lorna Wing (1981), uma médica inglesa, publicasse estudos similares aos de Hans em 1981.

Assim, indivíduos diagnosticados com este transtorno apresentam características[7] tais como:

•interações sociais impróprias ou muito raras

•fala repetitiva ou "robótica"

•habilidades de comunicação não-verbal na média ou abaixo da média, porém,

•habilidade de comunicação verbal na média ou acima da média

•tendência a discutir alto

•incapacidade de compreender problemas ou frases que são consideradas "senso comum"

•falta de contato visual ou conversação recíproca

•obsessão com temas únicos e específicos

•conversas unilaterais

•movimentos e/ou modos desajeitados

Devido, então, ao seu déficit social, o autismo, em todos os seus graus, é uma desordem que inibe o indivíduo, entre outras questões, do pleno desenvolvimento de seu *self*. Corroboramos tal afirmação através do pensamento de G.H. Mead[8] (1934), filósofo americano e teórico social, que propõe que o *self* surge através do que ele chama de *desempenhar de papéis*.

Segundo este autor, o eu e a mente surgem a partir das interações sociais através do desempenho de papéis e, para ilustrar tal teoria, Mead traz o exemplo de uma criança que adota a atitude ou o papel do outro na brincadeira e no jogo.

A brincadeira e o jogo representam dois estágios de desenvolvimento do *self*. Na brincadeira, a criança adota os papéis particulares de pessoas significativas, como os pais e amiguinhos. Quando uma criança brinca, ela adota uma simples sucessão de papéis. Desempenha um papel agora, outro depois, e o bom desempenho em qualquer papel é independente dos

[7] Tais características foram retiradas de **Autismo Realidade – Manual para Síndrome de Asperger**, 2010. Disponível em: http://www.portalinclusivo.ce.gov.br/phocadownload/publicacoesdeficiente/manualparasindromede aspergerautismo.pdf. Acessado em: 01/10/2013 ás 15:35.

[8] George Hebert Mead, filósofo americano e teórico social, é frequentemente lembrado junto com William James,Charles Sanders Peirce e John Dewey como uma das maiores figuras do pragmatismo clássico Americano Disponível em: http://plato.stanford.edu/entries/mead/. Acessado em 31/03/2013 ás 23:40 (tradução nossa).

resultados (bons ou ruins) de seu desempenho em quaisquer dos papéis precedentes. (apud ABIB, 2005, p. 2, grifo do autor)

No jogo, a adoção de papéis do outro adquire um significado mais importante porque, nesse caso, para que possa ser bem-sucedida no desempenho de seu papel, a criança precisa adotar o papel de todos os participantes da atividade. Neste, o outro se torna complexo e interdependente. (ABIB, 2005, p.2)

O outro, no jogo, configura-se pela constituição de vários outros. Mead chama esse outro de *outro generalizado* (MEAD, 1962 apud ABIB, 2005, p.2, grifo do autor). A partir da incorporação do outro generalizado, a criança poderá experimentar a diversidade de papéis a ser desempenhada através de perspectivas sociais distintas incorporando e lapidando o seu senso de eu perante o grupo.

Portanto, visto que o autismo está diretamente relacionado a um déficit na relação social e na incorporação do outro generalizado o que prejudica o indivíduo na formação do eu (*self*), na assimilação de regras sociais e em sua colocação no grupo, precisamos delimitar quais fatores, neurológicos e ou sociais, estariam causando tais limitações e também quais as possíveis intervenções a serem utilizadas em sala de aula, a fim de proporcionar ao nosso aluno Asperger o melhor desenvolvimento possível, seja ele cognitivo e/ou social.

O AUTISMO E A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Conforme destacado nas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Letras, é imprescindível levar em consideração os desafios do ensino superior e a realidade já presente na atual sociedade contemporânea para fazer com que os futuros profissionais dessa área estejam cada vez mais preparados para lidar com as variadas e complexas questões relativas à sua prática profissional.

Com o frequente e crescente processo de inclusão de alunos com NEE na rede estadual de ensino - o que contribui para um ambiente multifacetado de ensino - passamos a refletir sobre a atual formação dos alunos-professores de LI e também dos demais profissionais envolvidos na formação e educação destes aprendizes, em especial os alunos Aspergers, no contexto regular de ensino.

Em virtude disso, nesta parte, apresentamos o relato de uma psicóloga[9], envolvida com a formação de alunos com transtornos globais de desenvolvimento matriculados em uma escola

[9] A fim de garantir o anonimato da profissional entrevistada, usamos o codinome Beatriz. Beatriz é psicóloga e trabalha diretamente no atendimento e acompanhamento de alunos com Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD) na escola na qual esta pesquisa esta sendo conduzida.

estadual na cidade de Londrina, sobre o ensino de LI a alunos diagnosticados com a Síndrome de Asperger.

As respostas foram obtidas através da aplicação de um questionário contendo quatro perguntas, sendo todas relativas ao ensino da LI para alunos com a Síndrome de Asperger e a visão que se tem sobre a inclusão destes alunos na sala de aula regular daquela língua.

As perguntas foram:

- **Pergunta 1:** Qual a sua visão sobre o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira? E o da língua inglesa?

- **Pergunta 2:** Em sua prática diária, como você vê o ensino-aprendizagem desta língua em sala de aula?

- **Pergunta 3:** Visto o frequente e crescente processo de inclusão de alunos, principalmente os alunos autistas, na rede estadual de ensino - o que contribui para um ambiente multifacetado de ensino - gostaríamos de saber qual é a sua opinião sobre a inclusão destes alunos na sala de aula regular de língua inglesa e que tipo de dificuldades são encontradas? Ex: com relação ao ensino-aprendizagem, materiais para ensino, infra- estrutura, etc...

- **Pergunta 4:** Em sua opinião, é preciso uma maior conscientização dos professores e equipe pedagógica da escola sobre à síndrome autista e suas especificidades? Justifique sua resposta.

Tais perguntas tinham como objetivo identificar: 1) a importância do ensino de uma LE e em especial o ensino da língua inglesa a alunos Aspergers; 2) como o ensino-aprendizagem desta língua é visto na escola; 3) a inclusão de alunos Aspergers na sala de LI e as dificuldades encontradas para o ensino; 4) a conscientização sobre as especificidades do autismo, em especial a Síndrome de Asperger, entre os profissionais da escola.

As respostas foram:

- **Resposta para a pergunta 1:** "Entendo o ensino de uma língua estrangeira como muito importante, pois oferece a ampliação do conhecimento e visão de outra

cultura. Tendo-se em vista a língua inglesa ser de importância e repercussão universal, é fundamental o ensino para nossos alunos."

- **Resposta para a pergunta 2:** "No acompanhamento em sala de aula pude observar que, quando o trabalho é realizado de forma organizada, estruturada e contextualizada, o aproveitamento é muito bom, porém, quando feito fragmentado com palavras ou temas soltos, sem a contextualização, o(s) aluno(s) encontra(m) dificuldade para compreender, aceitar e até gostar de uma língua que não faz parte de sua vivência."
- **Resposta para a pergunta 3:** "Uma das características do aluno autista é o interesse específico em uma determinada área. Quando a Língua Inglesa faz parte desse interesse, o aluno aprende com facilidade e prazer. Não fazendo parte da área do interesse pode, sim, ser mais difícil, encontrar obstáculos para aprendizagem, porém, isso é no todo, não apenas com o Inglês."
- **Resposta para a pergunta 4:** "Sem dúvida, faz-se necessário a conscientização do professor sobre as características da pessoa com necessidades especiais, tendo-se em vista que apenas aceitamos o que entendemos. Porém, essa conscientização implica em conhecimento teórico e também em sensibilidade, pois a compreensão do outro, diferente ou não, passa,obrigatoriamente, pela capacidade de aceitar as especificidades de cada um."

Como podemos observar nas respostas das perguntas 1 e 2, Beatriz deixa claro que, para ela, o ensino de uma LE é muito importante, pois pode oportunizar a ampliação do conhecimento e a visão de outras culturas para o aluno. Com relação ao ensino da LI, Beatriz leva em consideração o fato desta ter uma relevância universal. Entretanto, ela salienta que, quando o ensino é feito de forma descontextualizada e fragmentada, este se torna ineficiente aos alunos.

Na resposta da pergunta 3 Beatriz menciona o fato de que, quando o aluno Asperger tem interesse pela LI, ele pode aprendê-la com interesse e com prazer. Porém, quando esta não faz parte do seu campo de interesse, tal aprendizagem pode ser mais difícil. Tal percepção chama atenção pelo fato de que o interesse, a motivação e a relevância da disciplina devem ser levados em conta, não apenas aos alunos com necessidades educacionais especiais. De forma geral, estes são aspectos que devem ser considerados em qualquer contexto de ensino-aprendizagem, o que nos leva a concluir que, embora o ensino de LI a alunos com transtornos, como o Asperger, imponha determinados obstáculos, tal prática não pode ser tomada como "impossível".

Em resposta à pergunta 4, Beatriz admite o quão necessário e importante é a conscientização dos profissionais envolvidos no ensino de alunos autistas, pois segundo ela apenas conseguimos aceitar o que entendemos. Ela salienta também que tal conscientização implica em conhecimento teórico e também em sensibilidade. Assim, entendemos que a formação do professor de LI deve contemplar também questões próprias aos alunos com algum tipo de NEE instrumentalizando-o a atuar também neste contexto.

Após uma breve análise das repostas de Beatriz percebemos que o ensino de LE e especialmente o da LI é considerado, na visão da profissional entrevistada, de fundamental importância para que o aluno, seja ele autista ou não, tenha acesso a conhecimento e todos os demais benefícios que este aprendizado possa lhe trazer. Vimos também que para que este aprendizado se realize é preciso que o aluno Asperger perceba a relevância deste aprendizado, não se diferenciando dos demais alunos. Outro aspecto relevante é o fato de que, para ela, aulas contextualizadas e estruturadas têm sempre maiores chances de fazer com que os alunos Aspergers tenham um melhor aproveitamento da aprendizagem, o que também acontece com alunos que não apresentam tais dificuldades.

Portanto, o ensino de LI é de suma importância para o aprendizado e desenvolvimento do aluno autista, pois este implica não apenas na aprendizagem linguística, mas também na inserção deste aluno na sociedade globalizada (TONELLI, 2012). O conhecimento e entendimento de variadas culturas, além de aprimorar a possibilidade de perceber o outro presente em nosso meio social, possibilitará a este aluno assimilar as distintas perspectivas presentes em nosso meio social ajudando-o a lapidar e construir o seu senso de eu e facilitar cada vez mais a sua inserção na sociedade.

Além disso, é preciso uma maior divulgação e conscientização das especificidades do Autismo nos contextos regulares de ensino assim como nos cursos de formação de professores, em especial o de LI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os princípios que norteiam a proposta das Diretrizes Curriculares são a flexibilidade na organização do curso de Letras e a consciência da diversidade/heterogeneidade do conhecimento do aluno, tanto no que se refere à sua formação anterior, quanto aos interesses e expectativas em relação ao curso e ao futuro exercício da profissão. A flexibilização curricular, para responder às novas demandas sociais e aos princípios expostos, é entendida como a possibilidade de: 1)

eliminar a rigidez estrutural do curso; 2) imprimir ritmo e duração ao curso, nos limites adiante estabelecidos; 3) utilizar, de modo mais eficiente, os recursos de formação já existentes nas instituições de ensino superior.

Neste sentido, destacamos a importância dos alunos-professores de LI vivenciarem estes "novos" contextos em sua formação inicial, utilizando o estágio obrigatório como um espaço para uma formação mais ampla e flexível (GIMENEZ, 2002; 2003; 2007).

Sendo assim, concluímos que o ensino de LI para pessoas autistas, levando em consideração suas particularidades, é imprescindível para o sucesso de seu desenvolvimento social e cognitivo. Destacamos que ainda é preciso uma maior conscientização sobre as especificidades desse transtorno nos cursos de formação de alunos-professores de LI pois só assim deixaremos de conceber o aluno autista na sala de LI como um dilema e passaremos a vê-lo como um mundo de oportunidades para: 1) a inovação no ensino-aprendizagem de LEs, 2) a construção de uma sociedade mais justa e 3) o crescimento profissional dos professores de LEs. Contudo, para que tudo isso aconteça, e aqui se encontra o desafio, precisamos eliminar o discurso psiquiátrico que ainda persiste em circular no campo da educação e que gera o esvaziamento do ato educativo, e é por ele alimentado, o que contribui para um ensino cada vez mais estigmatizado (BAUTHENEY, 2011)

REFERÊNCIAS

ABIB, J. A. D. **Teoria Social e Dialógica do Sujeito**. Psicologia: Teoria e Prática, vol 7, num 1, pp. 97-106, 2005. Disponível em: http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193817415008. Acessado em 31/03/2013

ASPERGER, H. Autistic psychopathy in childhood. In FRITH, U. (1991) **Autism and Aspeger syndrome**. United Kingdom: Cambridge University Press, 1944, p. 37-92

BAUTHENEY. K. C. S. F. **Transtornos de aprendizagem: quando "ir mal na escola" torna-se um problema médico e/ou psicológico.** 221 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. **Resolução CNE/CES 492/2001**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Brasília: Diário Oficial da União, 9/7/2001, Seção 1e, p. 50 Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>

GIMENEZ, T. (Org.). **Contribuições na área de línguas estrangeiras**. Londrina: Moriá, 2005.

_____. **Ensinando e aprendendo inglês na universidade: formação de professores em tempos de mudança**. Londrina: Moriá, 2003.

_____. **Trajetórias na formação de professores de línguas**. Londrina: Eduel, 2002.

_____. **Tecendo as manhãs: perspectiva participativas e formação de professores de inglês**. Londrina: Eduel, 2007.

GRADDOL, D. **English Next**. Plymouth: British Council. 2006.

MEAD, G. H. **Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorism**. Chicago: The University of Chicago Press, 1962 (Trabalho original publicado em 1934).

MOITA LOPES, L. P. **Inglês no mundo contemporâneo: ampliando oportunidades sociais por meio da educação**. 2005. Disponível em: <http://cenp.edunet.sp.gov.br/escola_integral/novo/arquivos/Ingles%20no%20mundo%20contemporaneo.doc>. Acesso em: 28 set. 2007.

NIJAKOWSKA, J. **Dyslexia in the foreign language classroom**. Second Language Acquistion. Bristol: Multilingual Matters, 2010.

RAJAGOPALAN, K. O grande desafio: aprender a dominar a língua inglesa sem ser dominado por ela**.** In: GIMENEZ, T; JORDÃO, C.; ANDREOTTI, V. (Orgs.). **Perspectivas Educacionais e o ensino de inglês na escola pública**. Pelotas: Educat, 2005. p. 37-48.

SAITOVITCH, A; BARGIACCHI, A; CHABANE, N; BRUNELLE, F; SAMSON, F; BODDAERT, A; ZILBOVICIUS, M. Social Cognition and the Superior Temporal Sulcus: implications in autism. **Revue neurologique,** doi 10.1016/j.neurol.2012.07.017

SCHNEIDER, E.; CROMBIE, M. **Dyslexia and Foreign Language Learning**. London: David Fulton Publishers, 2003.

TEIXEIRA, J. M. **Teoria da Mente: uma controvérsia**. Saúde Mental, vol. 8, nº 3, p. 7-10, 2006. Disponível em: http://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.formview?p_id=27143. Acesso em 08/04/2013.

TONELLI, J. R. A. **A "Dislexia" e o Ensino-Aprendizagem da Língua Inglesa**.559 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

WING, L. **Asperger syndrome: a clinical account**. Psychol. Med., 21, 1981, p. 115-129.